

RESISTÊNCIA E REVOLUÇÃO NA VIDA DE EDUARDO MONDLANE¹

Herbert Shore

(Professor Emérito, Universidade da Califórnia do Sul)

A semente da manga

*Se a semente morrer nem tudo está perdido desde
que a semente se transforme numa árvore e acabe
por dar frutos. A árvore também morrerá, mas
haverá, mais tarde, uma nova árvore...*

A morte chegou num dia de douradas folhas de cajueiro e de um mar polvilhado de prata. Uma explosão despedaçou a calma da manhã em Dar-es-Salam. Na sala de estar de uma pequena casa de campo em Msasani, a poucas centenas de metros da casa de praia do Presidente Nyerere, a polícia foi encontrar o corpo destroçado e sem vida de Eduardo Mondlane.

*[...] Uma luz metálica explodiu em aço,
às onze da manhã,
Eduardo Mondlane morreu.*

As virgens ficaram hoje viúvas.

Por um momento o tempo pareceu parar, pousado no gume do desconhecido. Para dez mil guerrilheiros em guerra com os

¹ Este texto foi traduzido para português de : "Resistance and revolution in the life of Eduardo Mondlane". In: Eduardo Mondlane. *The struggle for Mozambique*. London: Zed Press, 1983, p. XIII-XXXI. O texto foi escrito em homenagem a Eduardo Mondlane. Queríamos agradecer a cortesia do autor por ter autorizado a sua publicação em *Estudos Moçambicanos*. A tradução foi feita por João Manuel Machado da Graça com um trabalho editorial para a versão portuguesa de Amélia Neves de Souto.

portugueses, para os milhões de Moçambicanos para quem ele se tinha tornado o símbolo vivo da liberdade, e para outros, à volta do mundo, que tinham conhecido a grandeza e a humanidade deste homem, o tempo suspendeu a respiração, com angústia e com raiva.

Poeta e combatente da liberdade, Jorge Rebelo escreveu *uma grande tristeza envolveu o nosso povo. Confuso, perguntava-se como aquilo podia ter acontecido ... durante algumas semanas a ofensiva militar abrandou ... Cada um de nós se interrogava sobre o futuro da nossa luta. E houve muitos que pensaram que, com Mondlane, se tinha perdido toda uma herança de possibilidades.*

Se o assassinato de Mondlane tinha o objectivo de destruir a Frelimo, falhou. A guerra de libertação foi intensificada em seu nome. Espalhou-se a Tete, Zambézia, Manica e Sofala. Foi organizada uma milícia popular nas zonas libertadas, para apoiar o exército guerrilheiro. Os camponeses foram armados e a luta entrou numa nova fase.

Era ainda Mondlane a guiar-nos disse Samora Machel. Era a sua fé e confiança no povo, a sua visão de um Moçambique livre, as suas ideias de revolução.

O corpo de Mondlane foi sepultado em solo tanzaniano, para lá repousar até Moçambique ser livre. Toda a África e muito do resto do mundo prestaram tributo à sua grandeza. Recebeu um funeral de Estado com uma salva formal de 19 tiros de canhão; o Presidente Julius Nyerere da Tanzânia, os dois Vice-Presidentes e o Presidente do Tribunal Supremo seguiram o caixão até à sepultura. A Conferência dos Ministros dos Negócios Estrangeiros Africanos, que decorria nessa altura em Dar-es-Salam, adiou os seus trabalhos para que os seus

participantes pudessem seguir no cortejo fúnebre. Compareceram igualmente representantes de todos os movimentos de libertação, da Organização da Unidade Africana, das Nações Unidas, da Unesco, da Organização Mundial da Saúde, do Conselho Mundial das Igrejas e outras organizações religiosas, e de embaixadas de nações de todo o mundo, tanto capitalistas como socialistas.

Perto de mim, junto à sepultura, funcionários diplomáticos da União Soviética, da República Popular da China e dos Estados Unidos, comprimidos num grupo apertado pela multidão, que foi crescendo continuamente. Não pude deixar de pensar que Eduardo havia de ter gostado daquilo. Há muito tempo que nenhum outro acontecimento os tinha aproximado tanto como este. Talvez, pensei, se escutasse com cuidado, pudesse ouvir o riso quente e aprovador de Eduardo a subir da terra.

Mas o funeral de Mondlane foi mais do que uma reunião de dignatários mundiais. Pertenceu ainda mais a centenas de milhares de africanos, gente do povo – os camponeses e operários da Tanzânia, os refugiados de Moçambique e de outras partes da África Austral que caminharam muitos quilómetros para lá chegar, a partir do momento em que se espalhou a notícia da morte do Eduardo. Eles enfileiraram ao longo das ruas de Dar-es-Salam, e abarrotaram o cemitério de Magomeni.

Eram pessoas da terra africana, mães com os filhos, operários das fábricas e moagens, combatentes da liberdade, anciãos, jovens, estudantes. Choravam o seu desgosto e cantavam a sua raiva à medida que o caixão descia e a terra o cobria. Dedos de um milhar de mãos acariciaram gentilmente a Janet e os miúdos, à passagem; tocavam-nos de leve, com ternura, com o silêncio das lágrimas.

Longe de Dar-es-Salam, muito longe, para o interior, no que era então a Rodésia, está o monte de Chitako-Changonya onde

Mutota, o primeiro Monomotapa, foi enterrado há mais de 500 anos. Recordações de um passado antigo e heróico ainda vivem nas mentes dos homens e mulheres cuja terra e povos foram divididos entre as colónias de Moçambique e Rodésia. Diz-se que, em momentos de grande significado ou em tempos de grandes crises, se se escutar com atenção, se pode ouvir o rolar do Kagurakate, o grande tambor de Mutota. No tempo da lua nova, os espíritos do passado reúnem-se, muitas vezes, junto ao túmulo elevado e olham para baixo, para além do rio Dande. O funeral de Mondlane foi um desses momentos e, para além da salva de 19 tiros de canhão, podia-se ouvir, se se escutasse bem, como um eco distante às canções de luto, o rufar do tambor.

Eduardo Mondlane foi um homem notável, capaz de unir forças dispersas numa única visão de liberdade. Era um homem de estado e diplomata, professor e soldado do mato e, por vezes, um poeta. Era uma pessoa infatigável que deixou a sua marca em toda a gente com quem contactou. Sentia-se à vontade nos círculos da estratégia e comando militares, em centros da liderança política e da diplomacia, em conselhos revolucionários, nas Nações Unidas e nos círculos académicos das grandes universidades. Era um professor com o aspecto de um combatente guerrilheiro e um guerrilheiro que mais parecia um professor universitário. Era um homem orgulhoso, mas com uma humildade tocante, sem arrogância nem um ego inchado, por vezes rasgado por um conflito interno, e um homem com um rico sentido de humor e um riso vibrante – um riso que, muitas vezes, tanto se dirigia contra si próprio como aos outros. Apreciava profundamente as pequenas coisas que lhe enriqueciam a vida. Recordo-me dele num dos raros momentos de descontração, em casa, com os pés levantados e com os dedos a mexer-se, ouvindo *Os Pescadores de Pérolas* de Bizet,

acompanhando a cantar e dizendo, *dava quase tudo para ser capaz de criar uma obra como esta*, ou a dançar, num acampamento ou numa aldeia, ao luar ou à luz de uma fogueira, ao som dos tambores. Também me recordo dele, alto, com a dignidade de Estado, vestido formalmente, entrando numa recepção de uma embaixada com Janet pelo braço.

Fisicamente Mondlane era um gigante, com uma voz que soava como um tambor, baixando para um murmúrio rouco ou esganiçando num falsete alto quando imitava a hipocrisia que encontrava frequentemente à sua volta. As mãos eram grandes e poderosas, mas havia gentileza no seu toque amigo e delicadeza e graça nos seus movimentos. Vivía cada momento, ao que parecia totalmente, como se estivesse constantemente a olhar para a vida e para o mundo que o rodeava, maravilhado e com respeito. Adorava crianças, onde quer que as encontrasse, e acima de tudo os próprios filhos, o seu Eddie, a Chude e a Nyeleti, entrando facilmente no seu mundo.

Eduardo era um amigo devotado e verdadeiro, um homem de paciência e compreensão, e um implacável inimigo que conhecia, também, a sabedoria da compaixão. Era um homem de acção, mas também um pensador que juntava os esforços do cérebro e do coração. A sua vida foi uma busca constante de uma identidade com significado e um empenhamento total na dignidade e liberdade do seu povo.

Eduardo Chivambo Mondlane nasceu em Junho de 1920 numa pequena aldeia do distrito de Manjacaze (ele escrevia sempre *Mandlhakazi*), na província de Gaza, que se situa na bacia do Limpopo, no Sul de Moçambique. Nasceu a meio da época seca, durante a colheita do amendoim, enquanto o pai estava ausente, em viagem. *A minha recordação mais antiga* escreveu ele num caderno de anotações, muitos anos mais tarde, *são*

três palhotas em semicírculo numa clareira do mato. É a casa da minha família. Os tectos cónicos, em cima de paredes redondas, eram a minha aldeia ... Mesmo agora, quando estou deitado no chão, à sombra de uma árvore nsondzo, posso ver-me, em criança, deitado ao lado da minha mãe. Consigo ouvir a voz dela.

O pai, Nwadjahane Mussengane Mondlane foi régulo de uma parte do povo Tsonga chamada Khambane, enquanto esperava que o sobrinho tivesse idade suficiente para governar. Ele próprio era um homem que se impunha, de grande altura e músculos suaves debaixo da pele castanha. A mãe de Eduardo, Makungu Muzamusse Bembele, era a última das três mulheres da família, e ele foi o último dos filhos dela, porque o pai morreu antes de Eduardo ter dois anos de idade. *Um grande desgosto depois de uma grande alegria*, disseram. *Não houve homem mais gentil a governar esta terra.* Quando o marido morreu, Makungu Muzamusse Bembele não foi viver, como poderia ter feito, para casa de um dos irmãos ou primos do marido. Viveu como viúva – e pobre – e educou Eduardo.

A aldeia entrou em decadência. Nasceram crianças, mas poucas sobreviveram. As que sobreviveram, especialmente os jovens, foram trabalhar para o Transvaal ou para Lourenço Marques. Eduardo viveu como pastor até cerca dos onze anos de idade. *A sua infância foi passada nos campos e pastagens, guardando carneiros, cabras e, mais tarde, bois, com dúzias de outros miúdos da mesma idade.* E, desde o princípio, ficou a saber como as mulheres, a sua própria mãe, a avó e as irmãs trabalhavam na aldeia. Cultivavam os campos durante o dia todo, largando o trabalho para correrem para casa para cozinhar as refeições. Os homens chegavam e partiam, regressando ao trabalho nos portos ou na costa ou nas minas distantes, quando os salários acabavam.

Tal como tantos outros dirigentes de movimentos de libertação, Mondlane cedo se viu embuído de um sentido imutável sobre quem era e da compreensão de que iria ter que o comprovar. A mãe foi a primeira grande influência na sua vida e pensamento.

Tu, Chivambo dizia-lhe muitas vezes, vais restaurar a aldeia. Os teus filhos vão crescer, em grande número, à tua volta. Ndzovo, Khamban, Chivambo o Velho estão todos a olhar para ti. Vais ser tu quem vai restaurar o nosso clã.

Ela fazia-o repetir os nomes dos antepassados e dos grandes dirigentes do seu povo, dia após dia – Maguigwana, Gungunhana, Mutota.

Tinha a cabeça cheia com essas lições. Recordo que ficava muitas vezes deitado numa esteira, à noite, a pensar nas ameaças, na hostilidade, no mistério e nas expectativas à minha volta.

Levou tempo a forjar o significado genuíno de tudo isto: o que significava, na verdade, ser um dirigente. Durante algum tempo, especialmente enquanto era pastor, via-se a si próprio como uma espécie de aristocrata, um dirigente. Depois, pouco a pouco, através das experiências do tempo, o dirigente foi transformado num *responsável*. Era como entrar para o conselho dos chefes, nos tempos antigos. Apesar de tudo, eles eram *responsáveis* pelo bem-estar do povo – pelas chuvas, secas, colheitas, doenças ...

Da mãe vieram, também, os estímulos para a devoção apaixonada de Mondlane pela educação. Ela insistia com ele para aprender tudo o que pudesse das coisas do homem branco. *São eles*, dizia-lhe ela, *que têm os segredos do poder ... Deves apoderar-te desses segredos*. Mondlane recordava: *O velho mundo do meu pai estava a desaparecer e seria mais inteligente dizia ela, se eu me preparasse para o novo mundo.*

Anos mais tarde, numa declaração biográfica para a Faculdade de Oberlin, escreveu, *eu dato o meu interesse pela política da minha primeira infância, quando as minhas mães costumavam falar sobre a opressão sob a qual viviam ... recordo vivamente muitas ocasiões em que os meus irmãos tinham que fugir para a África do Sul, para evitar o trabalho forçado para os agricultores portugueses locais, para os donos das plantações ou para o próprio governo, sem receberem nenhum pagamento... Passei muita da minha primeira infância sem nenhum contacto com os meus irmãos mais velhos. As mulheres ... tinham que fazer pela vida o melhor que podiam. Eram muitas vezes detidas e metidas na prisão pelos portugueses ... porque os filhos, na África do Sul, não mandavam o seu imposto anual.*

A sua política de libertação não lhe veio dos livros, nem de leituras sobre a revolução mas sim, tal como no caso de Samora Machel, das suas próprias experiências e da observação directa. Do seu conhecimento da pobreza, do sofrimento, da desigualdade e da injustiça.

Eduardo tinha três irmãos, todos mais velhos do que ele, e todos foram destruídos pelo sistema colonial sob o qual viviam e trabalhavam – o peito esmagado num acidente no cais, silicose nos pulmões, tuberculose. Sobre o irmão mais velho, o alto, bem constituído, castanho claro e simpático John Magulane Mondlane, Eduardo escreveu numa carta para Janet, *nunca gostei de um homem como deste meu irmão. Ele costumava encorajar-me a continuar a minha educação (embora ele próprio mal soubesse ler e escrever). Ele compreendeu a minha ambição pela educação e fez tudo para que eu tivesse o que era necessário para a escola. Quando estava bêbedo, praguejava contra mim por ser o mais escuro da família ... outras vezes elogiava-me por ser o rapaz mais inteligente.*

E John Magulane estava bêbedo muitas vezes. Tinha trabalhado como estivador em Lourenço Marques e era conhecido como o homem forte do cais. Detido muitas vezes pelas autoridades, foi enviado para o Norte para trabalhar para o exército e lá ficou cinco anos. Voltou por um curto período à aldeia, “de férias”, e depois foi trabalhar nas minas da África do Sul. Quando regressou das minas a saúde tinha-se ido. Tossia e bebia muito. Era amargo e inconstante *um dia doce como o mel, no dia seguinte era o diabo*. Mas tentou, à sua maneira, olhar por Eduardo.

Apoiou o desejo de educação de Eduardo, mas insistiu com ele para não frequentar a escola da missão no mato, *vai para uma que não tenha religião. Um homem pode aprender muitas coisas úteis na escola. Estuda a língua do homem branco, mas não te metas com os padres, que nos metem em sarilhos com os nossos antepassados*.

Eduardo tinha onze anos quando começou a sua educação formal numa escola rudimentar do governo, em Manjacaze, onde o professor não sabia tsonga e, já que falamos nisso, também sabia pouco português. A disciplina consistia em sovas contínuas. A escola, ao que parece, era um caos de pancadaria, gritos e gente escondida debaixo das carteiras e mesas. E era uma longa caminhada, duas horas em cada sentido, de casa à escola e volta. Os rapazes trabalhavam para o professor, trabalho manual, e Eduardo observou. *Um professor é pago. Porque é que nos faz trabalhar de borla? Porque é que está sempre com o ponteiro na mão? É injusto não ser pago. É injusto não ser alimentado. É injusto ser insultado, maltratado e batido quando estamos a dar o nosso melhor*.

Quando tinha treze anos mudou-se para a escola de uma missão mais perto de casa. Quando a mãe morreu, a irmã assumiu a responsabilidade de continuar a sua educação. Rapidamente

começou a compreender que a escola envolvia muito mais do que aprender dos livros – sacrifício e apoio de outras pessoas da família, longas caminhadas para chegar à escola, frequentemente comendo só uma refeição por dia, e ter que trabalhar sem pagamento para o professor ou o director, antes e depois das aulas. Quando terminou a sua instrução rudimentar, em 1936, com 16 anos, foi para Lourenço Marques para tentar conseguir o diploma da escola primária. Lá conseguiu um emprego no hospital da Missão Calvinista Suíça, lavando roupa suja e ligaduras ensanguentadas. Algumas conversas com a enfermeira chefe levaram-na a conseguir que ele frequentasse a escola primária da missão da parte da manhã trabalhando em casa do director aos fins de tarde e à noite. Limpava a casa, fazia recados e ajudava na cozinha.

Em Lourenço Marques, Mondlane viu a beleza da cidade que contrastava com a sordidez e pobreza dos bairros negros. Aprendeu a andar sempre com os documentos – a caderneta, com fotografia e impressão digital, os recibos do pagamento do imposto, um certificado da administração de Manjacaze, e o seu certificado de estudante assinado pelo missionário. Tudo isto era necessário; andar sem um só que fosse era uma infracção grave. Foi uma vez detido e metido na prisão por andar na rua sem eles e só a intervenção directa do missionário suíço o salvou de ser enviado para trabalhar para um agricultor português.

Nessa conjuntura, Andre Clerc, o missionário suíço, acabou por considerar Eduardo Mondlane um protegido, um jovem negro sensível e inteligente que podia ser preparado para o serviço da igreja. Assumiu a maior parte da responsabilidade pela educação e bem-estar de Mondlane, e por guiar o seu futuro. Quando o Eduardo completou o ensino primário, em Lourenço Marques, descobriu que as escolas secundárias oficiais já não aceitavam alunos das missões protestantes. O

caminho para a continuação dos estudos parecia bloqueado. Mas, com o apoio de Andre Clerc, o bloqueio da estrada transformou-se num desvio. Mondlane visitou a Missão Metodista Episcopal Americana em Khambane, e foram feitos arranjos para ele entrar para um curso de dois anos sobre agricultura de sequeiro. Como aconteceu com Cabral na Guiné-Bissau, Mondlane aprendeu, com a passagem do tempo, que este ensino e experiência agrícola formavam uma ligação sólida entre ele e os camponeses de Moçambique, uma ligação que permaneceu ao longo da sua vida. Quando completou o curso, ensinou técnicas agrícolas às pessoas da região de Manjacaze.

Em 1944 os seus apoios na igreja conseguiram que ele fosse frequentar a Escola Secundária Douglas Laing Smit em Lemana, no Norte do Transvaal. As autoridades sul-africanas emitiram um visto para ele estudar lá e, em 1945, Eduardo Mondlane deixou Moçambique.

Tinha começado outra fase crítica da sua vida. Obteve o diploma do Gabinete Conjunto Sul-Africano de Matrículas e, em 1948, tornou-se estudante na Escola Jan Hofmeyer de Trabalho Social em Joanesburgo. O visto ia sendo renovado rotineiramente pelas autoridades sul-africanas. No final do ano escolar, no entanto, recebeu uma bolsa de estudos do Conselho Cristão de Moçambique para estudos avançados e foi admitido na Universidade de Witwatersrand para tirar um curso de Ciências Sociais. Mais uma vez notificou as autoridades sobre a sua mudança de escola; pediram comprovativos e receberam o Certificado de Admissão da secretaria da Universidade.

Pouco tempo depois da sua entrada, Mondlane tinha-se tornado tão activo e popular na Wits que foi eleito pelos colegas, predominantemente brancos, representante do Departamento de Ciências Sociais ao Conselho Representativo dos Estudantes e à Conferência Nacional dos Estudantes.

Nas eleições de Maio de 1948, no entanto, o Partido Nacionalista, dirigido por Daniel F. Malan, tinha chegado ao poder, com uma política de implementação completa do *apartheid*. Um dos seus primeiros alvos foram as instituições e universidades cujas portas estavam pelo menos parcialmente abertas para todos os povos da África do Sul, sem olhar para a sua cor.

Mondlane tornou-se o primeiro foco desse ataque. Em Junho de 1949, quando o seu visto foi para renovação, foi indeferido e devolvido com a indicação “Final”. Permitiram-lhe que permanecesse na África do Sul enquanto era enviado um recurso ao Ministro do Interior, o Dr. T. E. Donges. Em Agosto foi notificado de que o recurso tinha sido indeferido, o visto caducado e ele tinha que deixar a África do Sul.

O Conselho Representativo dos Estudantes da Universidade de Witwatersrand protestou junto do Ministro. A União Nacional dos Estudantes Sul-Africanos (NUSAS) e o Conselho Representativo dos Estudantes, em conjunto, lançaram uma campanha para o apoiar. O Centro Associativo dos Negros de Moçambique pediu ao Governador Geral de Moçambique para intervir e o Conselho Conjunto de Europeus e Africanos de Joanesburgo pediu ao Ministro para rever a sua decisão. Os protestos foram rejeitados. Mondlane foi expulso do país.

O Reitor da Universidade de Witwatersrand, H. R. Raikes, e o Chefe da Secretaria, I. Glyn Thomas, tomaram medidas especiais para Mondlane fazer os seus exames em Lourenço Marques em Novembro de 1949, sob a supervisão da mais alta instituição de ensino local (que, mais tarde, se tornaria a Universidade de Lourenço Marques e se chama hoje Universidade Eduardo Mondlane)². Eduardo falava muitas vezes daquilo a que ele chamava a sua “acção corajosa” e do comovedor apoio dos seus colegas estudantes.

² Existe aqui alguma imprecisão. Em 1949 não existia o ensino superior em Moçambique. Os Estudos Gerais são criados em 1962. Ver nesta edição o texto “A missão Suíça em Moçambique ...” de Teresa Cruz e Silva.

Mondlane foi uma das primeiras baixas na campanha do *apartheid* contra as universidades. Ele compreendeu isso perfeitamente e nunca o esqueceu. *O desejo de lutar contra o homem branco e libertar o meu povo* disse ele *intensificou-se depois de eu ser expulso da África do Sul em 1949.*

Ele tinha acabado de ver não só o racismo em acção directa, mas também a força e o poder incipientes da resposta dos estudantes e de organizações como a NUSAS. No seu país tornou-se um dos fundadores e organizadores da União Nacional dos Estudantes Moçambicanos (UNEMO)³, e foi detido para investigações pelas autoridades portuguesas em Outubro de 1949.

Nessa altura eu tinha organizado uma associação dos estudantes negros que recrutava os seus membros entre os poucos estudantes negros da escola secundária, da comercial e da técnica... Eles detiveram todos os membros que conseguiram encontrar para determinar que relação havia entre a minha expulsão da África do Sul e as actividades da organização. Após três dias e noites de interrogatório permanente, durante os quais a polícia cobriu todas as fases da minha vida de estudante na África do Sul, elaboraram um relatório para o Procurador da República português. Alguns meses mais tarde ele apresentou uma análise do relatório com as suas conclusões oficiais [...]:

a) que eu era uma ameaça política para a colónia mas, dado que não havia nada de definido na minha história passada, não podiam apresentar nenhuma acusação contra mim;

³ Nova imprecisão. Trata-se do NESAM e não UNEMO. Ver também o artigo mencionado na nota (2).

- b) *que eu tinha sido contaminado com o vírus comunista, que podia afectar outros, especialmente os jovens que eram membros da minha associação;*
- c) *que eu tinha um espírito embrionário de nacionalismo negro que devia ser desenraizado o mais depressa possível para evitar que infectasse outros.*

O Procurador Geral prescrevia duas vias de acção principais: que eu fosse posto debaixo de apertada vigilância policial e que, se possível, me fosse dada uma bolsa de estudos para estudar numa universidade portuguesa, para me manter afastado da população negra e para ver se eu podia ser curado das minhas propensões intelectuais e políticas.

Entretanto os missionários americanos Darrell e Mildred Randall tinham contactado alguns amigos sul-africanos “preocupados com esta injustiça”, para angariar fundos para ele poder viajar para o estrangeiro para continuar os estudos. Foi feito um contacto com o Fundo Phelps-Stokes, em Nova York, que conseguiu uma bolsa para Mondlane estudar nos Estados Unidos. E Andre Clerc conseguiu arranjar mais apoios de associados e amigos da igreja na Europa. Tendo consultado outras pessoas, Eduardo decidiu que era importante ir para Portugal, “pelo menos durante algum tempo”, para evitar uma confrontação directa com os portugueses, para conhecer a metrópole em primeira mão e para aprender bem a língua.

Até onde sei fui o primeiro moçambicano a entrar na Universidade de Lisboa. Foi lá que conheci intelectuais africanos das colónias portuguesas pela primeira vez. A maior parte era das ilhas de

Cabo Verde, da Guiné (chamada Portuguesa), de Angola e de São Tomé. Entre eles estavam os agora bem conhecidos dirigentes dos movimentos políticos dessas mesmas colónias, como Agostinho Neto, o médico, poeta e Presidente do MPLA, Mário Pinto de Andrade, o Secretário para as Relações Exteriores do MPLA, Amílcar Cabral, o agrónomo guineense e Presidente fundador do PAIGC e Marcelino dos Santos, o Secretário para as Relações Exteriores da FRELIMO e Secretário Geral da CONCP. Na verdade Marcelino dos Santos estava na Escola Comercial de Lisboa.

Embora a maior parte dos estudantes em Lisboa, nessa altura, estivesse preocupada com os direitos civis dos cidadãos portugueses, os nossos interesses políticos eram claramente nacionalistas. Queríamos que Portugal, pelo menos, concedesse o direito de autodeterminação aos povos de todas as suas colónias, e exprimíamos os nossos sentimentos de todas as formas ao nosso alcance [...]

Neto, que já era um poeta reconhecido, escrevia poesia exigindo liberdade para o homem negro; Mário de Andrade escrevia ensaios culturais e sociológicos sobre o passado africano, enquanto eu me concentrava na palavra falada em encontros à porta fechada, a maioria com estudantes, membros das faculdades e alguns dos portugueses mais liberais, descrevendo as contradições da política colonial portuguesa tal como eu a conhecia no meu próprio país. Consequentemente éramos constantemente

incomodados pela PIDE; praticamente todos os meses o meu quarto era vasculhado pela polícia, à procura de documentos, cartas, fotografias, etc. Tentando encontrar provas daquilo que eles suspeitavam que eram as minhas opiniões políticas. O mesmo se aplicava ao Neto, Andrade, Santos, Cabral e à maioria dos estudantes africanos em Lisboa.

A situação em Lisboa ensinou também a Mondlane que, apesar de todo o seu *luso-tropicalismo*, para os portugueses “um negro” seria sempre “um negro” e, por consequência, um inferior. Não se conseguia quebrar a barreira da raça apenas à força de educação e capacidade pessoal.

Começou também a compreender a relação entre a luta nas colónias e a que se fazia em Portugal. Elas tinham que ter uma relação e auxiliar-se mutuamente, mas a libertação dos africanos tinha que estar nas suas próprias mãos. Não podia subordinar-se e diluir-se na luta anti-fascista no interior de Portugal.

Após um ano *senti que não podia continuar naquelas condições*. Aceitou a bolsa Phelps-Stokes para os Estados Unidos e, com o apoio de alguns amigos, partiu para estudar na América.

A década seguinte constituiu o que pode ser chamado “os anos americanos” de Eduardo Mondlane. Eduardo já tinha 32 anos quando entrou para a Faculdade de Oberlin como estudante já adiantado e onde se formou em Sociologia. A sua vida, no entanto, girava à volta de outros aspectos, para além dos estudos e da vida na Universidade, por muito fascinantes que essas questões pudessem ser. Mondlane chegou aos Estados Unidos ainda como um cristão fiel e dedicado, firme na crença de que os princípios e ensinamentos do cristianismo, aplicados ao

mundo político e social, podiam formar a base para a libertação do seu povo. Desde o momento em que chegou foi envolvido em várias actividades relacionadas com a igreja. Fez palestras a grupos por todo o país, participou em conferências e outros encontros, participou em acampamentos de verão e cruzadas e escreveu, ou foi entrevistado, para várias publicações. Numa das suas primeiras cartas para Janet Rae Johnson, em 1951, escreveu: *Sou um dos que acreditam que se os ideais cristãos não forem postos em prática, não servem para nada.*

Mas Mondlane acabou por julgar os cristãos e as chamadas sociedades cristãs pelos critérios do seu próprio Evangelho e viu as suas deficiências. *Pessoas usam outras pessoas* escreveu à Janet, *em vez de as amar. O resultado é a degradação – mais deles próprios do que daqueles a quem usam.* De facto a relação dele com a Janet tornou-se a área central para testar a sua atitude em relação ao cristianismo, à Igreja e às organizações cristãs.

Eduardo e Janet conheceram-se em 1951 num acampamento de Verão em Wisconsin. Mondlane era um dos oradores do seminário e ela uma jovem da escola secundária que participava pela primeira vez. Foram atraídos um pelo outro desde o princípio, descobrindo que partilhavam uma visão comum. Ao longo dos anos essa atracção cresceu, transformando-se num amor profundo que continua ainda hoje vivo, tantos anos após a sua morte.

Janet Rae Johnson era a filha mais nova de uma família da classe média, cristã, branca do meio oeste. O pai trabalhava como engenheiro em Indianápolis, Indiana. Inflamada pelo idealismo, o seu desejo era tornar-se missionária em África. Deste primeiro sonho romântico, através da sua parceria com Eduardo, ela cresceu na sua identificação com o povo de Moçambique até ao ponto de falar facilmente, e de forma sen-

tida, dele como “o meu povo” e de Moçambique como “o meu país, o meu lar”. Tornou-se membro da FRELIMO e foi uma das fundadoras e a primeira Directora do Instituto Moçambicano. Recordo, quer antes, quer depois da morte do Eduardo, em Dar-es-Salam, da seriedade da sua dedicação ao seu “treino de guerrilha”, a sua preparação para ir para o mato, para se tornar uma participante activa e directa na guerra, e as crescentes devoção e dedicação que a encheram após o assassinato. Hoje “em casa” em Moçambique, ocupa uma posição de responsável no governo. A sua dedicação inquebrantável por uma existência com significado, pelo trabalho e pela família, e pela construção de uma nova sociedade é, em si própria, uma história corajosa e inspiradora que deve ser contada por si própria.

A família Johnson foi intensamente hostil à amizade da filha com Mondlane logo desde o princípio, mesmo antes de ela se ter transformado em amor e de ser sugerida a possibilidade de um casamento. O pai, a mãe e a irmã mais velha fizeram tudo o que puderam para os separar, para limitar e mesmo eliminar a correspondência entre eles, e para garantir que eles mal se vissem. Eduardo estava na Faculdade de Oberlin e Janet completava o ensino secundário em Indianápolis.

Entre eles começou um fluxo de cartas prolífico e consumado – perto de mil, trocadas desde o momento em que se conheceram em 1951 até ao seu casamento em 1956. Este hábito continuou ao longo dos anos que restaram da sua vida conjunta. O seu comprometimento com a África e com a libertação de Moçambique muitas vezes os fizeram seguir caminhos separados. No momento da morte de Eduardo, Janet estava quase no fim de uma extensa viagem pela Europa ao serviço da FRELIMO. A ligação entre eles permaneceu constantemente. Quando não podiam estar um com o outro, partilhavam as suas vidas e os seus pensamentos através de cartas volumosas, não só de um para o outro mas também para outras pessoas.

As cartas durante os primeiros anos de amizade estão cheias de pensamentos sobre a África, sobre o significado do seu comprometimento, sobre como a vida poderia ser, se de facto trabalhassem juntos, e ainda das crescentes expressões de amor e de pensamentos no casamento e no que isso poderia significar. É interessante verificar como eles foram prescientes, mesmo nessa fase inicial. Eduardo falava constantemente da necessidade de os moçambicanos darem forma às suas próprias vidas, dirigirem o seu próprio destino. Janet estava consciente dos perigos e dificuldades que tinham pela frente, até mesmo de que a própria vida de Eduardo estaria em perigo.

Ela foi constante e firme na sua resistência contra a oposição dos pais. Argumentou inflexivelmente contra eles na base das suas crenças no cristianismo e na sua fé ostensiva na democracia americana. À medida que a oposição deles endurecia e conseguiam o apoio de outras pessoas – professores, religiosos, amigos da família, administradores universitários – ela foi-se tornando mais abertamente desafiadora. Todos os sonhos em que ela tinha baseado as suas esperanças – uma educação universitária, o apoio da família, a força da igreja no seu zelo missionário – eram agora ameaçados. O choque da descoberta do racismo e da hipocrisia na sua própria família foi um golpe severo. Mas desse trauma nasceu uma melhor compreensão sobre o que era realmente o racismo, como as suas manifestações eram muito mais subtis e sinistras do que a violência aberta e directa do Ku Klux Klan, que tinha um centro em Indiana, não muito longe do local onde vivia a família Johnson.

Até os amigos e apoiantes de Eduardo no passado hesitaram face a esta nova situação. Andre Clerc foi aos Estados Unidos para os convencer a não casarem, mas regressou a casa persuadido da razão do seu amor e do futuro que planeavam para si próprios. Uma oportunidade que tinha sido prometida a

Eduardo, para uma missão de serviço e de pesquisa no Zaire⁴, na altura o Congo Belga, foi-lhe retirada. Numa determinada altura Janet e Eduardo estavam à espera do primeiro filho, sem empregos, com a conclusão dos estudos em dúvida e sem nenhum apoio da família Johnson, nem dos seus patrocinadores da igreja.

Ao longo desta luta longa e capaz de despedaçar o coração, surgiu outra característica do pensamento de Mondlane. A luta envolvia não só uma posição forte e determinada, mas também persuasão. As energias de Janet e Eduardo foram dedicadas a vencer os pais dela, a irmã e o irmão, os membros da igreja e as sociedades missionárias, amigos e opositores. A importância da persuasão, a par de uma resistência determinada contra o racismo e a opressão, tornaram-se parte integrante das suas vidas. Isso resultou da ênfase que Mondlane constantemente punha mais na dinâmica de qualquer situação, na interacção dos opostos em conflito, do que em qualquer divisão mecânica dos seres humanos em “a favor” e “contra”. Ele tentava sempre compreender o processo dialéctico, em vez de se contentar com classificações e identidades estáticas. Procurava trabalhar em termos de dinâmicas internas. Esta forma de pensar permeou sempre a sua visão de Portugal e dos portugueses e a sua compreensão dos Estados Unidos, do seu povo e do seu governo.

Havia muitas coisas que ele adorava da vida na América – a atmosfera livre e aberta, a vida nas universidades, a multiplicidade de povos e culturas naquela sociedade de imigrantes, e a sua ruptura com a dominação da Europa na sua procura de formas democráticas. Adorava os desportos americanos. Era comum, em Dar-es-Salam, vê-lo caminhar com o filho, Eduardo Jr, para ver um filme de um jogo de futebol americano ou ouvir o relato de um jogo do campeonato de basebol. Mas esta adoração era temperada por uma compreensão clara de outros aspectos da América, quer do governo, quer do povo.

⁴ Hoje República Democrática do Congo.

Numa certa altura escreveu à Janet,

Penso que o americano médio não está interessado nas outras pessoas. Vocês têm um individualismo extremo, por cá. Sinto que cada pessoa se preocupa, em primeiro lugar, consigo própria... Vocês não dão ajuda material a nenhum povo a não ser que tenham a certeza que irão ter algum benefício material em troca. Estão mais preparados para criar amizade com ditadores e tiranos, mas não estão verdadeiramente interessados nas massas e massas de seres humanos que sofrem opressão política, económica e social em muitas partes do mundo. Os vossos ideais no geral são maravilhosos ...Mas a maioria dos cidadãos americanos ficam inactivos no que diz respeito a pôr em prática esses belos ideais....

A seguir à sua graduação na Faculdade de Oberlin, Mondlane fez o mestrado e doutoramento na Universidade do Noroeste, onde trabalhou dirigido pelo conhecido antropologista Melville J. Herskovits, e passou um ano a fazer pesquisa na Universidade de Harvard com Gordon Aliport. No decurso dos seus estudos escreveu extensos trabalhos sobre Marx e Weber, uma tese sobre Woodrow Wilson e uma dissertação sobre as influências raciais nos testes da educação. Tinha uma grande atracção pelas raízes da Revolução Americana e leu muita coisa sobre a vida e a obra de Thomas Jefferson e Thomas Paine. Começou a procura de uma sinergia que unisse Marx e Jefferson. Ao longo do seu estudo de textos revolucionários, à medida que o seu mundo se alargava para incluir mais aspectos de Marx e Engels, Plekhanov e Mao Tse-tung, mais uma vez era a dinâmica e não o dogma o que interessava a Mondlane.

Janet e Eduardo casaram-se em 1956. A oportunidade para ser enviado em missão de serviço a África tinha-se desvanecido. Enquanto Eduardo estava em Harvard e Janet, com o apoio de uma bolsa de estudos, trabalhava no seu mestrado na Universidade de Boston, nasceu Eduardo Chivambo Jr. No ano seguinte Mondlane foi nomeado Funcionário para a Pesquisa no Departamento de Curadorias das Nações Unidas. Nesse cargo ele lidava com os territórios sob curadoria do Tanganica (Tanzânia), Camarões e Sudoeste Africano (Namíbia), preparando relatórios sobre os desenvolvimentos social, económico e político nessas áreas. Durante esse período aconteceu uma série de coisas que aprofundaram e tornaram mais claro o seu pensamento sobre a libertação de Moçambique. Julius Nyerere era um peticionário frequente nas Nações Unidas. Ele e Mondlane rapidamente se tornaram amigos e as discussões sobre a independência do Tanganica levaram à preocupação sobre como é que isso poderia afectar a situação em Moçambique. Mondlane foi igualmente influenciado pela ênfase que Nyerere punha na necessidade de transformação social para que a independência pudesse e viesse a significar um processo genuíno de descolonização e não meramente *uma bandeira, um hino, uma companhia aérea e um parlamento do tipo de Westminster*.

Ele assegurou-me disse Mondlane, *que se eu viesse para o Tanganica após a independência, o seu governo facilitaria o meu trabalho na organização de um movimento para a independência de Moçambique*. Em 1961, quando Mondlane teve a oportunidade de visitar Moçambique, com passagem pelo Tanganica, Nyerere repetiu-lhe essa garantia. A sua cooperação e o apoio do Tanganica independente, em 1962, foram factores fundamentais na organização da FRELIMO. O apoio activo de Nyerere reconfirmou a Mondlane a responsabilidade que as nações da África independente deviam assumir em relação aos

movimentos de libertação nas áreas ainda dominadas pelo colonialismo. Isso ajudou a formar a sua atitude em relação às lutas na África do Sul, Zimbábwe e Namíbia, bem como nas outras colónias portuguesas.

Viu a luta também à escala mundial. Percebeu a similitude entre o movimento moçambicano e os do Vietnã, Palestina e de outros locais, e procurou constantemente formas de cooperação e apoio mútuo.

O seu envolvimento no plebiscito, monitorado pelas Nações Unidas, nos Camarões, marcou um importante ponto de viragem na carreira de Mondlane. Pela primeira vez em dez anos ele voltava ao solo africano. Deu por si a trabalhar junto de representantes quer de países da Europa Oriental, quer Ocidental, debatendo as teorias do colonialismo e da libertação com pessoas da Jugoslávia e da União Soviética e, acima de tudo, em contacto directo com camponeses africanos, trabalhando com eles para criar as condições pelas quais eles pudessem exercer o seu direito à autodeterminação. As suas cartas “para casa”, para Janet, durante esse período, estão cheias de comparações com e especulações sobre Moçambique, bem como análises quentes e argutas dos debates com os seus colegas socialistas e capitalistas da comissão do plebiscito.

Durante esse período na Comissão de Curadorias, Mondlane também recebeu um permanente fluxo de apelos de moçambicanos para tomar parte activa no crescente movimento nacionalista. Como empregado das Nações Unidas estava restrito na sua actividade. Embora pudesse mostrar preocupação pelo seu e outros povos africanos, no âmbito e nas estruturas das NU, não se podia envolver em acção política directa.

Para Mondlane, 1961 era o ano da escolha crucial. Pediu a demissão das Nações Unidas e aceitou um lugar numa faculdade

da Universidade de Syracuse, no Departamento de Antropologia e “no Centro Ultramarino de Pesquisa e Desenvolvimento, ajudando a lançar as fundações de um Programa de Estudos Africanos.”

Mais importante que isso tudo, o acontecimento focal em que se juntaram todas as linhas da vida e do pensamento de Mondlane foi o seu regresso a Moçambique. Como acto final da sua ligação às Nações Unidas visitou, de férias, Moçambique como funcionário das NU. Ficou entusiasmado pelos milhares de pessoas que se juntavam para o ver onde quer que ele fosse no país. Reuniam-se, principalmente em igrejas, porque a igreja ainda era um dos poucos locais onde as pessoas se podiam congregar. Toda a gente parecia saber quem ele era. Eduardo também ficou profundamente comovido pelas boas vindas dadas à sua mulher e aos filhos que viajavam com ele, não só pela sua própria família, em Manjacaze, mas pelo povo negro em toda a parte. Estava igualmente consciente de que estava sob a constante vigilância da polícia secreta e, pelo menos uma vez durante a viagem, houve uma ameaça séria à sua vida e à da Janet, do Eduardo Jr e da Chude.

A viagem a Moçambique convenceu-o de que era testemunha de mais do que apenas um desejo, por parte do povo, de uma vida melhor. Viu a energia de um *movimento*, uma atitude que necessitava de um ponto focal, uma organização incipiente pela liberdade que precisava de uma direcção. Quando assumiu o seu cargo em Syracuse, já sabia que era uma posição temporária como professor. *Mesmo se adorava a vida universitária, a minha vida estava dedicada à luta de libertação do meu povo.*

A independência do Tanganica, a reafirmação de apoio por Nyerere e as discussões com os três maiores grupos de exilados moçambicanos – MANU, UDENAMO e UNAMI – levaram à organização de um encontro em Dar-es-Salam em Junho de

1962, no final do seu primeiro ano académico na Universidade de Syracuse. A 25 de Junho foi fundada a FRELIMO e Eduardo Mondlane foi eleito seu primeiro Presidente pela esmagadora maioria dos presentes. Em Setembro a FRELIMO realizou o seu Primeiro Congresso para confirmar as eleições e redigir o Programa da organização. Mondlane regressou a Syracuse para cumprir as obrigações do seu contrato académico, mas a evolução rápida dos acontecimentos veio alterar isso. Deixou a universidade em Fevereiro de 1963 e regressou à África Oriental. Janet e os filhos juntaram-se a ele em Julho. Numa das suas cartas ela escreveu *ele é um lutador dedicado pela liberdade – na verdade toda a família se voltou para a política revolucionária.*

Ele adaptou-se rápida e entusiasticamente à vida na África Oriental e aos compromissos de um dirigente político. *Levanto-me, de manhã, cerca das seis e trinta ou um quarto para as sete,* escreveu ele à Janet, *corro até à praia, que é a cerca de uma milha. Preparo-me e mergulho na boa água balsâmica, nado – agora por estes dias a água está mais para o fresco e é muito agradável nadar às sete da manhã. Saio da água, faço algumas flexões, corridas e exercícios em geral. Volto para a água e mais um pouco de boa natação ... depois ... caminhada de regresso a casa, uma milha, pequeno almoço e estou pronto para o trabalho.*

Nessa altura, o centro da actividade de Mondlane, e o seu lar, era o New Africa Hotel. Mas mesmo quando a família passou a ter uma casa própria esta permaneceu a rotina diária. E de tal forma foi assim que, seis anos depois, naquela segunda-feira 3 de Fevereiro de 1969, ele levantou-se cedo, como era costume, fez a sua rotina de exercícios e foi para o escritório da FRELIMO para ir buscar o correio. Neste estava incluído um livro, um volume das *Obras Escolhidas* de Plekhanov, que tinha chegado no sábado e tinha lá ficado todo o fim de semana.

Voltou de carro para Msasani, para a casa de campo de uma amiga, onde tinha planos de trabalhar nesse dia. Meia hora depois estava morto.

Estava perfeitamente consciente de que a luta contra o colonialismo português iria ser longa e prolongada e assumiria muitas formas e aspectos. *Ninguém deve pensar disse ele que vai ser fácil. Vai-nos levar cinco, ou dez, ou vinte anos... Mas nós temos a razão e venceremos.*

Nos sete anos que decorreram desde o nascimento da FRELIMO até ao assassinato de Mondlane, ele moldou uma força coesa e com um objectivo, uma genuína frente, a partir de grupos e dirigentes étnica, ideológica e pessoalmente diferentes. Mondlane descreve a fundação da FRELIMO no seu livro e diz. *Após Setembro de 1962 tínhamos um único partido e o esqueleto de uma política, mas ainda estávamos longe de ter uma luta nacional de libertação efectiva. Foram necessários dois anos de trabalho árduo, de planificação e aprendizado com os nossos erros e falhanços antes de sermos capazes de nos colocarmos confiantemente no trilho activo que conduz à libertação.*

Forjar a unidade era uma tarefa formidável. Desde o início a FRELIMO enfrentou conflitos internos a respeito de diferentes teorias sobre a estratégia e a tática. Houve também conflitos de ambição pessoal e de personalidades, suspeitas, ilusões e a depressão que, muitas vezes vem com o exílio, infiltração constante pela PIDE e roturas devidas a provocadores. No meio disso tudo, Mondlane e o quadro de direcção colectiva que construiu à sua volta, mantiveram a atenção focalizada no processo dinâmico através do qual estava a ser forjado um partido a partir de uma vaga associação. Eles sabiam que, na longa guerra de desgaste que estava pela frente, a forma mais lenta de guerra de guerrilha, era absolutamente necessário que fosse

conseguida uma unidade central coesa. Ao mesmo tempo evitaram a imposição de dogmas e hierarquias rígidos e admitiram constantemente a interação de opiniões e posições em conflito.

Emergiram formas diferentes de encarar questões centrais sobre a natureza da guerra a ser lançada, sobre o significado de direcção, o papel e a natureza da transformação social no meio da guerra. Mesmo sem olharmos para as proclamações ruidosas de cisões e anúncios periódicos, pelos portugueses, do fim da FRELIMO, é interessante notar que todas as dificuldades básicas estavam, em primeiro lugar, *fora de Moçambique* – entre os estudantes em Dar-es-Salam e no estrangeiro, na direcção baseada em exilados e entre os representantes da FRELIMO aqui na Europa, com ambições e homens egoístas como Kavan-dame, Gwengere, Simango e Nungu. Nas zonas libertadas e nas áreas contestadas não se punham questões sobre a aceitação pelo povo da direcção da FRELIMO. Estava envolvido na FRELIMO a todos os níveis.

Eduardo sabia, desde o princípio, que era um homem marcado. A sua vida estava constantemente em perigo. Em finais de 1968 e, de certeza, em Janeiro de 1969, ele sentia quase como se o fim – o seu fim pessoal, não o do movimento – fosse inevitável. Recordo-me de falar com ele sobre isso na minha casa em Dar-es-Salam apenas uma semana antes da sua morte. Ele tinha regressado recentemente de uma longa viagem ao estrangeiro e tinha participado em conferências importantes em Cartum e no Cairo. Tinha rejeitado, furioso, uma sondagem feita pelos portugueses, uma oferta de “independência” para o norte de Moçambique, como parte de uma Comunidade Portuguesa. *Por vezes eles são loucos*, disse ele, *genuinamente loucos. Eles realmente não compreendem o nosso povo ou a natureza do Movimento. O povo deitaria abaixo qualquer dirigente que fizesse um acordo como esse...*

Continuou a falar com grande entusiasmo das condições dentro da FRELIMO. Estava entusiasmado com os progressos feitos face ao perigo. Da sua forma habitual, dava voltas à sala, com passos largos, à medida que falava, pontuando tudo o que dizia com grandes gestos arrebatados, com a voz a alterar-se e mudar para imitar aqueles de quem estava a falar. *Esses Gwengere, Kavandame, Nungu, esse grupo, estão acabados. Tornámo-nos mais fortes, mais próximos do povo, mais organizados. Temos um programa, uma filosofia ... Estão a ser traçadas linhas mais nítidas entre aqueles que apenas querem expulsar os portugueses e aqueles que, realmente, querem mudar a própria sociedade, e eu sei de que lado está o Simango nisto tudo...*

Depois falámos calmamente, durante muito tempo, sobre as várias tentativas contra a sua vida. Tinha havido três só no mês anterior. Falámos, igualmente, dos assassinatos que tinham afligido a FRELIMO e Mondlane abanou a cabeça, devagar: *Eles estão determinados a matar-me* fez uma pausa e encolheu os ombros, *acho que, mais tarde ou mais cedo vão fazê-lo. Mas já não estou preocupado. Temos, realmente, uma direcção colectiva, uma boa direcção. A FRELIMO – o Movimento – é maior do que qualquer homem. Eles não compreendem isso.* Agitou um longo dedo no ar e riu-se: *O Samora, eles não o conhecem. Aquele homem é brilhante. Ele compreende. Chissano e Marcelino, esse é poeta. O jovem Jorge Rebelo e os outros...*

Nos meses que se seguiram à morte de Mondlane teve lugar uma breve, mas intensa, luta interna entre os dirigentes. Marcelino dos Santos descreveu-a bem. *O desenrolar da própria luta ... revelou um certo número de contradições que se tornaram particularmente evidentes a partir do momento em que os nossos guerrilheiros estabeleceram zonas libertadas, territórios livres. A partir desse ponto tivemos que resolver o*

problema de construir a nova vida... Não só tivemos que continuar a lutar contra o colonialismo, para destruir as forças repressivas, mas também tivemos que começar a construir e a produzir e a criar riqueza. É precisamente a partir desse momento que aparece uma contradição fundamental que existia – não na população moçambicana, mas na direcção que governava a FRELIMO – entre uma facção dessa direcção e o povo como um todo..

Kavandame tentou substituir simplesmente o poder português, na vida económica e política de Cabo Delgado, por si próprio e pelos seus associados. Quando isso não resultou, tentou criar um movimento separatista na província. Isso também falhou. O padre Mateus Gwengere tentou organizar os estudantes do Instituto Moçambicano como uma elite educada, com o direito de exigir privilégios especiais de direcção e referia-se à guerra como de *preto contra branco* e opunha-se à estratégia de uma guerra longa de desgaste. Simango mudava muitas vezes de posição política, por vezes adoptando a linguagem da República Popular da China e outras vezes advogando o Poder Negro, pura e simplesmente. Nenhum deles, genuinamente, estava preocupado em destruir as *estruturas* da exploração colonial e substituí-las por novas formas de relacionamento político e económico.

A crise resultante do assassinato e o conflito que se seguiu, na realidade, levaram a visão da FRELIMO sobre a revolução para um foco mais nítido. Eduardo Mondlane tinha razão. As fundações tinham sido bem preparadas. Samora Machel foi eleito Presidente, para continuar, expandir e enriquecer o trabalho que Mondlane tinha começado.

A libertação escreveu Mondlane *para nós não é simplesmente uma questão de expulsarmos os portugueses, significa*

reorganizar a vida do país e colocá-lo na via de um sólido desenvolvimento nacional... A razão da guerra é construir um novo Moçambique, não apenas destruir o regime colonial.

Libertação significava também libertação do passado pré-colonial. Ele rejeitava qualquer conceito de regresso ao passado. Nem romantizava nem rejeitava as tradições africanas. Elas teriam que ser examinadas e analisadas constantemente para compreender aqueles aspectos que ou apoiavam ou detinham o movimento em direcção à libertação e à revolução. Tendo vindo da área da antropologia americana, dizia muitas vezes: *Os imperialistas estudam intensamente uma cultura para a dominar. Porque não havemos nós de estudar a nossa própria cultura para a libertar?*

Percebeu também que, mesmo se o colonialismo bloqueava o desenvolvimento económico e reprimia a história e a cultura de um povo colonizado, também criava as condições para uma nova forma de sentimento nacional, uma comunhão de resistência.

Para Mondlane a principal força de libertação em Moçambique era o campesinato. Foi espoliado da sua terra. Sofreu o trabalho forçado, viu as suas lavouras serem controladas e os preços serem marcados arbitrariamente. No que dizia respeito aos operários negros urbanos, eles estavam agrupados, quer nas cidades do sul, quer fora de Moçambique, trabalhando como contratados na África do Sul. O aspecto central da luta, portanto, era organizar e mobilizar os camponeses como força principal. *Isto queria dizer libertar as forças criativas e as energias do próprio povo no processo de desenvolvimento nacional Não estamos a substituir uma classe dominante estrangeira por uma moçambicana. O nosso movimento deve ser uma revolução.*

Não há dúvidas de que ele era um socialista, mas resistia a pedir emprestados ou a aplicar sistemas já desenvolvidos provenientes de outros lugares, outros tempos e outras condições. Lia avidamente os textos teóricos marxistas. Entendia os valores de Mao Tse-tung, apreciava profundamente as realizações da Cuba de Fidel, estudou as experiências da Jugoslávia e o primeiro período da Revolução de Outubro, na Rússia e, talvez acima de tudo, admirava Ho Chi Minh e a luta brilhante dos vietnamitas contra a França e, mais tarde, os Estados Unidos. Mas a teoria revolucionária tinha que ser permanentemente reexaminada e repensada para se adaptar às condições de Moçambique. O que caracterizava a luta da FRELIMO, para Mondlane e para Machel depois dele, era uma dolorosa evolução da análise teórica e da reflexão, com uma aplicação paciente da teoria para conseguir ganhar a guerra e construir ao mesmo tempo uma nova sociedade. Os dirigentes evitavam a retórica. A sua teoria emergiu da situação moçambicana.

Se ele era persistente e inflexível a respeito de alguma coisa, era que aquilo seria um movimento do povo moçambicano, delineado por moçambicanos e dirigido por moçambicanos.

Por muito que Mondlane respeitasse Fidel Castro e Che Guevara, opôs-se a Che quando sentiu tentativas para impor ideias e direcção à guerra em Moçambique. Eduardo, no entanto, nunca foi abertamente crítico de Che e os dois respeitavam-se um ao outro.

Mondlane estava sempre preocupado em manter a mente aberta e não ser apanhado na armadilha da sua própria retórica, como tinham sido alguns dirigentes revolucionários. Sentia que Kwame Nkrumah tinha sido e, no entanto, apreciava profundamente a força e a visão do pensamento de Nkrumah. De facto,

desde a Conferência de Chefes de Estado Africanos, em Adis Abeba, que formou a Organização da Unidade Africana, em 1963, ele escreveu que Nkrumah *representava o ponto de vista mais virado para o futuro, intelectualmente consistente e desafiador*. Mas notou também que *era muito improvável que fosse aceitável para muitos estadistas presentes*.

Ao longo de toda a sua vida, Eduardo sempre ouviu, pensou, cresceu. Sentia-se muito próximo de dirigentes como Nyerere, Amílcar Cabral e Nelson Mandela. Acreditava no crescimento firme e contínuo do poder do povo. Uma revolução e os seus dirigentes devem confiar no povo. Devem amar o povo; devem conhecer o povo. Mondlane estava muito consciente de que tinha recebido educação no estrangeiro. Reconhecia a necessidade de re-africanização das mentes dos exilados. Mas isso não o levou à *negritude* ou a outras posições românticas. Ajudou-o a reconhecer as suas próprias limitações e as de outros dirigentes devotados e inteligentes. Essa compreensão levou à política de requerer aos militantes que regressassem regularmente ao “interior”. Todos os que estavam no estrangeiro – não só na Europa e nos Estados Unidos, mas na Tanzânia, Argélia e outras partes de África - tinham que passar algum tempo, periódica e regularmente, no interior de Moçambique. E voltar ao interior não significava apenas atravessar o rio Rovuma e ficar ali um bocado. Significava envolverem-se *directamente* na luta e aprenderem a desempenhar um papel significativo.

A re-africanização dos intelectuais, entre os quais ele se via a si próprio, exigia uma identificação específica e total com as aspirações do povo na sua resistência à dominação estrangeira. Mondlane tinha tido todas as oportunidades para ter sido assimilado noutros lugares, longe do seu povo – em Portugal, nos Estados Unidos, nas Nações Unidas, na própria África. O seu compromisso e a sua penetrante compreensão protegeram-

-no das consequências, fáceis e confortáveis, nas suas aptidões e realizações. Isso tinha a ver com aquela honestidade, aquela integridade, que estavam no coração de Eduardo Mondlane e que toda a gente que o conhecia comentava. Em vez disso, tornou-se um lutador pela liberdade, um militante da causa da liberdade africana e um revolucionário.

Em Fevereiro de 1970, um ano após a morte de Eduardo Mondlane, Amílcar Cabral fez a primeira Palestra em Memória de Eduardo Mondlane na Universidade de Siracusa. Ao introduzir a palestra disse, a respeito de Eduardo. *O seu mérito principal foi o de ter sido capaz de se fundir com a realidade do seu país, de se identificar com o seu povo e de se aculturar a si próprio através da luta que dirigiu com coragem, determinação e sabedoria.*

A vida de Eduardo Mondlane é, na verdade, singularmente rica em experiência...

O seu ciclo de vida inclui praticamente todas as categorias da sociedade colonial, do campesinato à petite bourgeoisie assimilada e, no plano cultural, do universo da aldeia à cultura universal aberta para o mundo – os seus problemas, as suas contradições e perspectivas de evolução.

O importante é que, após essa longa caminhada, Eduardo Mondlane foi capaz de fazer o seu regresso à aldeia, como combatente da liberdade e para estimular o progresso do seu povo, enriquecido por experiências (e como elas foram profundas!) no mundo de hoje. Dessa forma deu um exemplo potente: enfrentando todas as dificuldades, afastando as tentações, libertando-

-se de compromissos de acção ou compromissos de consciência, de alienações culturais (e daí políticas), foi capaz de enfrentar as suas próprias raízes, de se identificar com o seu povo e de se dedicar à causa da sua libertação nacional e social. Foi por isso que os colonialistas-imperialistas não lhe perdoaram.

O povo de Moçambique, sob a direcção de Eduardo Mondlane e Samora Machel, escolheu o caminho da transformação. A libertação deve resultar num total e radical reordenamento da sociedade. Eles estão à procura de novas formas de viver, novas relações que enriqueçam toda a África Austral e ajudem a moldar a África do futuro.

Em 1970 Samora falou do progresso da guerra e das zonas libertadas: “Uma mangueira” disse ele “não se transforma numa árvore gigante no primeiro dia, mas como uma mangueira em crescimento nós estamos profundamente enraizados no solo que é o nosso povo, e as massas estão agora a saborear os primeiros frutos.”

Na verdade, se um Moçambique livre e independente é uma mangueira, ainda em crescimento, dando flor, então Eduardo Mondlane foi a semente dessa árvore gigante.